

LACOS EM RECUPERAÇÃO

Estudo registra altos índices de confiança da sociedade na ciência em meio à pandemia

Rodrigo de Oliveira Andrade

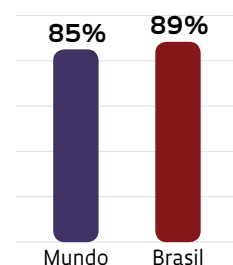


Dados de pesquisa feita com 10 mil pessoas de 10 países* apontam para um aumento do índice global de confiança em médicos, cientistas e instituições globais e nacionais de saúde

Percentual dos que consideram que nesse momento é preciso ouvir **mais os cientistas e menos os políticos** no que diz respeito a assuntos sobre o novo coronavírus

*PAÍSES PESQUISADOS: BRASIL, ÁFRICA DO SUL, ALEMANHA, CANADÁ, COREIA DO SUL, ESTADOS UNIDOS, FRANÇA, ITÁLIA, JAPÃO, REINO UNIDO

FONTE: 2020 EDELMAN TRUST BAROMETER SPECIAL REPORT: TRUST AND THE CORONAVIRUS



Se há alguns meses a ciência sofria com a desconfiança de parte da população brasileira (ver Pesquisa FAPESP nº 284), hoje ela é vista pelo público como a principal ferramenta para combater a Covid-19, infecção causada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2) ainda sem tratamento específico. Os reflexos dessa mudança na percepção da sociedade podem ser observados em um levantamento publicado em abril e realizado em 10 países, entre eles o Brasil, sobre o índice de confiança pública em atores políticos, científicos e sociais no atual contexto de pandemia. Executada pela agência global de comunicação Edelman, a pesquisa ouviu 10 mil pessoas, mil de cada país, e mostrou que, para 85% dos entrevistados, é preciso agora ouvir mais os cientistas e menos os políticos no que diz respeito a assuntos sobre o novo coronavírus. No Brasil, essa porcentagem chegou a 89% das pessoas ouvidas.

Os cientistas também aparecem como a fonte mais confiável de informação sobre a Covid-19 para 91% dos entrevistados brasileiros, seguidos de médicos pessoais (86%). No mundo, organizações médicas internacionais, como o Centro de Controle de Doenças dos Estados Unidos (CDC) e a Organização Mundial

da Saúde (OMS), aparecem como fontes mais confiáveis para 75% e 72% dos entrevistados, respectivamente. Autoridades governamentais receberam 48% das indicações de confiança no geral; e 53% no Brasil. Ao mesmo tempo, no mundo, 74% afirmaram que os governos e as autoridades médicas deveriam compartilhar mais informações sobre novas descobertas científicas sobre o Sars-CoV-2 e, para 69%, essas informações deveriam tratar de avanços na obtenção de uma vacina contra o vírus.

Na avaliação do biólogo Atila Iamarino, que há 13 anos atua como divulgador da ciência na internet, os resultados sugerem que a ciência está recuperando parte do prestígio outrora perdido, em maior ou menor grau, em sociedades do mundo todo, inclusive no Brasil. “Em tempos de crises de saúde, como a que estamos vivendo com o novo coronavírus, é natural que as pessoas busquem respostas rápidas e concretas da ciência”, diz. “Os pesquisadores estão atendendo a essa demanda, seja por meio de pesquisas com foco no desenvolvimento de uma nova vacina ou na obtenção de uma estratégia de tratamento contra a doença, seja por esclarecimentos e orientações sobre como lidar com o vírus em entrevistas na mídia e na internet.” Esse engajamento também tem

como um de seus reflexos o aumento recente no número de cientistas que se tornaram colonistas em alguns dos principais meios de comunicação do país.

Essa demanda social, contudo, não é um processo isento de efeitos colaterais. Segundo o biólogo, ela está ligada, em grande medida, à ansiedade e à insegurança associadas à falta de uma estratégia comprovadamente segura e eficaz contra a nova doença. “Há um impulso primário das pessoas em se apegar a qualquer coisa que as ajude a restabelecer a sensação de controle sobre suas próprias vidas. Em uma situação de pandemia, esses sentimentos abrem caminho para uma cobrança mais intensa por respostas rápidas da ciência e também pela busca desesperada por alternativas que se apresentem como possível solução para o problema, como um protocolo, um ritual ou um medicamento ‘milagroso’”, comenta. Esse comportamento ficou evidente no *frisson* a respeito das supostas potencialidades da hidroxicloroquina, apesar da falta de estudos científicos que comprovem sua eficácia em pacientes com a Covid-19. Iamarino sugere ainda que esse comportamento não é exclusivo do público. “Mesmo alguns cientistas estão se apegando a fórmulas rápidas”, destaca o divulgador de ciência.

Fontes mais confiáveis entre as instituições globais e nacionais de saúde

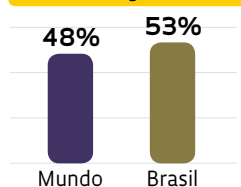
Centros de Prevenção e Controle de Doenças dos Estados Unidos (CDC)

75%

Organização Mundial da Saúde (OMS)

72%

Índice de confiança nas autoridades governamentais



74% afirmaram que os governos e as autoridades médicas deveriam compartilhar mais informações sobre novas descobertas científicas relacionadas ao Sars-CoV-2...



... e para 69%, essas informações deveriam tratar de avanços na obtenção de uma vacina contra o vírus



Para o filósofo Marcos Nobre, pesquisador e atual presidente do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), a pandemia de Covid-19 pode ser uma oportunidade para os cientistas mostrarem à sociedade como a ciência funciona e por que ela é importante para o desenvolvimento dos países. “A pior coisa que os cientistas podem fazer agora é tentar buscar a adesão da sociedade com base na falsa promessa de que terão uma resposta para a doença em um tempo determinado”, diz.

O físico Peter Schulz, da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e secretário-executivo de comunicação da mesma instituição, compartilha dessa preocupação. Para ele, é importante que os cientistas deixem claro que a ciência não é uma prateleira de resultados prontos e produtos mágicos. Pelo contrário. “O momento é de ser transparente e reforçar a ideia de que a ciência é um processo lento e complexo, baseado em métodos, e seus resultados precisam ser submetidos à avaliação de outros cientistas da mesma área para serem validados – e que esses aspectos constituem algumas das suas principais qualidades.”

A crise do novo coronavírus também pode servir para a ciência deixar claro ao público que seus resultados são uma

consequência direta dos investimentos em pesquisa feitos por cada país ao longo de décadas. Nobre cita o caso do sequenciamento do genoma humano, concluído em 2003. “As sociedades, à época, não perceberam a aplicação dos resultados desse esforço de pesquisa”, explica. “No entanto, graças aos investimentos feitos nessa área há cerca de 30 anos e à criação de uma ampla rede de colaboração nesse sentido, os pesquisadores hoje contam com métodos e ferramentas que lhes permitem sequenciar o genoma do novo coronavírus e entender melhor seu comportamento, o que poderá ser fundamental para o desenvolvimento de uma vacina ou de um fármaco para a doença.”

A ciência, ele diz, tem um passado de realizações que legitima a pesquisa básica como fonte de novas aplicações e tecnologias. “É preciso aproveitar o momento para mostrar como a pesquisa guiada pela curiosidade intelectual dos pesquisadores pode ajudar a preparar a sociedade para problemas que ainda nem existem.”

Para Nobre, que também é professor de filosofia na Unicamp, um dos fatores que parecem contribuir para que a ciência recupere parte da confiança da sociedade envolve o fato de o discurso científico, nos últimos meses, ter se dissociado do poder político. “A sociedade tem cada vez mais clareza de que a realidade

da pandemia é muito diferente, e muito mais grave, do cenário pintado por alguns representantes políticos”, comenta o filósofo. “No Brasil, os atos e discursos do presidente Jair Bolsonaro contrários às recomendações científicas e aos modelos epidemiológicos foram decisivos para que houvesse uma ruptura entre a ciência e o poder político”, diz.

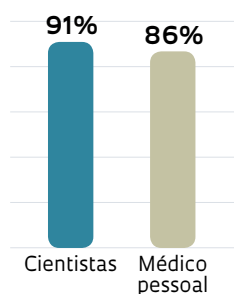
Os reflexos desse fenômeno podem ser observados na adesão de parte significativa da população à estratégia adotada no mundo de distanciamento social para conter a transmissão do vírus. “Enquanto o presidente insiste na ideia de restabelecer a atividade econômica no país, boa parte da população continua em casa e, quando sai, o faz de máscara. Isso significa que as pessoas, inclusive a maioria esmagadora dos governadores, estão mais dispostas a confiar em recomendações baseadas em evidências científicas do que no discurso do chefe de Estado.”

Por sua vez, a falsa dicotomia criada pelo governo federal entre a implementação de estratégias que contenham o avanço do novo coronavírus e a preocupação com a recuperação econômica ajudou a gerar um novo tipo de polarização política no país. Isso teria sido decisivo para o aumento recente dos ataques e ameaças a pesquisadores, jornalistas e divulgadores de ciência nas redes sociais quando estes passaram a defender a adoção de medidas de distanciamento social e paralisação de atividades determinadas por governos estaduais e municipais, na contramão do discurso federal.

O outro aspecto importante no levantamento realizado pela Edelman envolve a proliferação de notícias falsas, hoje mais conhecidas como *fake news*, sobre o novo coronavírus. No estudo, 74% dos entrevistados se disseram preocupados com a propagação de informações falsas relacionadas ao Sars-CoV-2. Ao mesmo tempo, 45% afirmaram ter dificuldades para identificar dados confiáveis sobre esse assunto. A OMS já havia manifestado preocupação e chamado a atenção para a disseminação massiva de desinformação, mentiras e rumores sobre a pandemia, caracterizando esse fenômeno como “infodemia”.

As redes sociais constituem a principal ferramenta usada para espalhar *fake news*, sendo o movimento contra a vacinação um dos mais atuantes. Nos Es-

Fonte **mais confiável**
de informação relacionada
à Covid-19 na opinião apenas
dos entrevistados brasileiros



tados Unidos, um estudo publicado em maio na revista *Nature* sugere que páginas no Facebook que propagam conteúdos contra a vacinação tendem a ter poucos seguidores, mas são mais numerosas do que as a favor da vacinação, e costumam estar vinculadas a discussões em outras páginas, como aquelas de associações de pais em escolas – cuja posição sobre a vacinação tende a variar. Por outro lado, as páginas que explicam os benefícios e os princípios científicos das vacinas estão vinculadas a redes desconectadas desses e outros atores envolvidos na discussão.

Em um cenário em que a falta de uma vacina é justamente o principal problema, esses grupos trabalham para readequar seu discurso, de modo a adaptá-lo à realidade da pandemia do novo coronavírus. Segundo Dayane Machado, doutoranda do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp, que estuda os movimentos antivacina na internet, uma das estratégias usadas por esses grupos é buscar associar a Covid-19 a teorias da conspiração envolvendo países como a China ou grandes empresas farmacêuticas, que teriam fabricado o vírus para depois vender e lucrar com uma vacina. “Há também a narrativa de que o novo coronavírus seria uma farsa para tentar convencer as pessoas sobre a importância das vacinas usadas contra as outras doenças”, explica a pesquisadora.

Em muitos casos, esses grupos se engajam em plantar dúvidas sobre o discurso oficial, sugerindo a existência de interesses ocultos por trás das orientações dos governos, das organizações de saúde internacionais, dos resultados de estudos publicados em revistas científicas e de notícias veiculadas na imprensa. “O objetivo é distorcer a realidade e promover um sentimento de desconfiança acerca do discurso oficial para, em seguida, apresentar o que afirmam ser ‘a real verdade’ dos fatos.” Alguns pesquisadores que estudam esse movimento, no entanto, alertam que ele pode comprometer os esforços de imunização contra o Sars-Cov-2 caso os cientistas consigam desenvolver uma vacina nos próximos anos.

Outra estratégia usada por esses grupos, segundo Machado, é a de se valer da credibilidade de instituições reais para legitimar informações falsas. “Há vários casos de boatos baseados em estudos in-

ventados, muitas vezes atribuídos a pesquisadores que não existem atuando em instituições respeitadas, como a Universidade Harvard, nos Estados Unidos, por exemplo”, conta. Estudo recente realizado por pesquisadores da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) verificou tendência semelhante no Brasil. Eles analisaram denúncias e notícias falsas recebidas pelo aplicativo Eu Fiscalizo entre 17 de março e 10 de abril. Constataram que 71,4% das mensagens falsas difundidas no aplicativo de mensagem WhatsApp citam a Fiocruz como fonte de textos ou estudos sobre a Covid-19. A OMS e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), juntas, somam 2% das instituições mencionadas como fonte de informações falsas sobre cuidados e medidas contra o Sars-CoV-2 em mensagens disseminadas por meio do aplicativo.

As informações falsas sobre a pandemia também alimentam canais de saúde alternativa em plataformas como o YouTube. Segundo Machado, muitos desses canais, acostumados a propagar informações científicas falsas sobre vacinas, agora estão investindo na promoção de terapias e produtos alternativos para que as pessoas “fortaleçam” seu sistema imunológico contra o vírus e se protejam da pandemia. “Políticos e celebridades estão desempenhando um papel central nesse ciclo de desinformação na internet ao compartilharem esses vídeos, que passam a ter um alcance inimaginável.”

Diante disso, diversos países estão investindo em medidas para tentar conter a propagação de *fake news*, sobretudo aquelas relacionadas à Covid-19. O combate à desinformação científica, contudo, depende de um esforço mais amplo, envolvendo o poder público, cientistas, jornalistas e divulgadores de ciência na internet. “As pessoas nunca estiveram tão dispostas a ouvir e a falar sobre ciência como no contexto atual”, destaca Iamarino. “Essa é a melhor hora para os pesquisadores investirem em estratégias de comunicação com o público.” Para Nobre, essa comunicação precisa ser aberta e transparente. “Só assim a ciência poderá restabelecer, de fato, sua legitimidade social”, conclui. ■

Artigo científico

Johnson, N. F. *et al.* The online competition between pro- and anti-vaccination views. *Nature*. mai. 2020.

PESQUISA NA QUARENTENA

“COM A CRISE SANITÁRIA, A IDEIA DE COESÃO SOCIAL SE TORNOU MAIS VITAL”



Nunca imaginei estar tão ocupada numa quarentena! Nos últimos dois meses, tive que cancelar 10 viagens. Agora, todas as reuniões estão sendo feitas on-line. O desafio tem sido conseguir conciliar tudo isso com minha intensa rotina de trabalho. Sou vice-presidente do International Science Council [ISC]. Como parte das atividades do ISC, tenho participado de diferentes frentes. Uma delas envolve uma comissão internacional que discute os problemas correntes, inclusive as vulnerabilidades que surgirão em decorrência da pandemia. Como cientista social, nesse fórum costumo propor reflexões relacionadas à renda, ao trabalho e à educação. No Brasil, onde há muito trabalhador precarizado, eu pensava os vulneráveis como trabalhadores informais ou pessoas sem acesso à educação. Mas agora vejo que gente da classe média também ficou vulnerável. Haverá uma parcela grande de pessoas que perderá emprego e renda, obrigando-a a mudar seu estilo de vida. Além das vulnerabilidades, o ISC vem discutindo assuntos envolvendo coesão social e resiliência, este último um conceito do qual não gosto muito, mas que está sendo usado para tratar da situação das sociedades no contexto da pandemia. Antes da Covid-19, já havia sinais no mundo do aumento da polarização política e do populismo. A crise sanitária eclodiu em meio a esse panorama, fazendo com que a ideia de coesão social seja ainda mais vital. Como manter a sociedade coesa, em meio a tantos desafios? Estamos trabalhando sobre isso, para entender que variáveis afetam o grau de coesão social das sociedades.

ELISA REIS, socióloga política, é professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). DEPOIMENTO CONCEDIDO A CHRISTINA QUEIROZ